

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Damiana Andreia Ferreira

TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO: contribuições de Theodor Adorno acerca
do conceito de indústria cultural para refletir sobre a emancipação como
formação crítica do sujeito

Mariana-MG

2019

Damiana Andreia Ferreira

TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO: contribuições de Theodor Adorno acerca
do conceito de indústria cultural para refletir sobre a emancipação como
formação crítica do sujeito

Monografia apresentada à disciplina EDU381 da
Universidade Federal de Ouro Preto como exigência
parcial para a obtenção do título de Graduação em
Pedagogia

Orientação: Prof. Dr. Marcelo Donizete da Silva

Mariana-MG

2019



FOLHA DE APROVAÇÃO

Damiana Andreia Ferreira

TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO: contribuições de Theodor Adorno acerca do conceito de indústria cultural para refletir sobre a emancipação como formação crítica do sujeito

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em Julho de 2019

Membros da banca

[Doutor] - Marcelo Donizete da Silva - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto.

[Doutor] - Douglas Garcia Alves Júnior - Universidade Federal de Ouro Preto.

[Marcelo Donizete da Silva], orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 23/12/2022



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Donizete da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/12/2022, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0451460** e o código CRC **F7DFFEB4**.

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu pai, Sebastião Firmino Ferreira, e à minha mãe, Geralda Teixeira Ferreira,
pelo apoio, pela compreensão e por serem presentes em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Donizete da Silva, que auxiliou e contribuiu na elaboração e execução deste trabalho e que, com discussões e conversas sobre o mesmo, ajudou em meu processo formativo. Agradeço também a todos os meus familiares, amigos e colegas que de uma alguma forma contribuíram para a realização deste estudo.

RESUMO

O desenvolvimento técnico permitiu o surgimento de várias inovações, seja o rádio, seja a TV ou o computador com acesso à internet, e estes instrumentos tecnológicos permitem que o sujeito tenha acesso a uma quantidade enorme de informações. No entanto, se tornam fomentadores de nossa efetividade e posicionamento social, além de contribuírem para a disseminação dos bens culturais que estão direcionados para o interesse do mercado. Estes direcionamentos quase imperceptíveis são realizados por Theodor Adorno e Marx Horhkeimer na obra *Dialética do Esclarecimento* os quais denominaram Indústria Cultural. Para tanto, o trabalho se propõe a analisar a influência da Indústria Cultural no processo formativo do sujeito inserido dentro do espaço escolar. Visto que jovens e adolescentes estão cada vez mais subordinados ao processo imposto pelos meios de comunicação de massa, percebe-se o incentivo ao consumo de informações, vídeos, imagens, relacionamentos e a formação de subjetividade, que mantém o indivíduo passivo e acrítico no meio social. Sendo assim, a escola tem um papel importante, já que deve desenvolver a formação crítica e reflexiva do sujeito. A análise vai ao encontro do conceito de Emancipação, em que a reflexão teórica pode contribuir no desenvolvimento de uma proposta educacional que visa a capacidade crítica e possibilita a compreensão e análise em torno da realidade e, conseqüentemente, das informações divulgadas.

Palavras-chave: Indústria Cultural. Emancipação. Espaço escolar.

ABSTRACT

Technical development allowed the emergence of several innovations, be it the radio, the TV or the computer with Internet access, and these technological tools allow the subject to have access to a huge amount of information. However, they become fosters of our effectiveness and social positioning, besides contributing to the dissemination of the cultural assets that are directed to the interest of the market. These almost imperceptible directions are made by Theodor Adorno and Marx Horkheimer in the Dialectic of Enlightenment which they called the Cultural Industry. In order to do so, the work proposes to analyze the influence of the Cultural Industry in the formative process of the subject inserted within the school space. As young people and adolescents are increasingly subordinated to the process imposed by the mass media, one can perceive the incentive to consume information, videos, images, relationships and the formation of subjectivity, which keeps the individual passive and uncritical in the environment Social. Thus, the school plays an important role, since it must develop the critical and reflexive formation of the subject. The analysis is in line with the concept of Emancipation, in which theoretical reflection can contribute to the development of an educational proposal that aims at the critical capacity and allows the understanding and analysis around the reality and, consequently, the information disclosed.

Keywords: Cultural Industry. Emancipation. School space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEORIA CRÍTICA E DA INDÚSTRIA CULTURAL	9
1.1 Contextualização da teoria crítica	9
1.1.1 Inauguração do Instituto para a Pesquisa Social	9
1.1.2 Anos de 1930 e 1940 do Instituto para a Pesquisa Social	11
1.1.3 Os anos de 1950 e 1960 do Instituto para a Pesquisa Social	13
1.2 Contextualização do conceito de Indústria Cultural	14
CAPÍTULO 2 - A QUESTÃO DA “DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO” EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO	22
CAPÍTULO 3 - EIXO ESTRUTURAL DA CRÍTICA DE ADORNO A UM PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO	28
3.1 A educação Após Auschwitz	28
3.2 Educação contra a Barbárie	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

É evidente na sociedade contemporânea o lugar ocupado pelas tecnologias de produção, reprodução e propagação de informações, seja o rádio, seja o cinema, seja a televisão e mais recentemente o celular e computador com acesso à internet. Essas tecnologias, além de contribuírem para a disseminação dos bens culturais, colaboram na formação de valores e opiniões presentes na sociedade. Este direcionamento realizado pelas tecnologias de massa foi caracterizado por Theodor Adorno e Marx Horkheimer de Indústria Cultural.

Nessa conjuntura, jovens e adolescentes estão cada vez mais subordinados aos procedimentos impostos pela Indústria Cultural. Percebe-se o uso constante das tecnologias e o consumo através do Facebook, Google e YouTube das mercadorias produzidas. Nesse cenário, a escola tem um papel importante, já que é necessário propiciar o domínio dos conteúdos e oferecer as oportunidades necessárias à leitura, escrita, raciocínio lógico matemático, artes, história, entre outros. Nesse sentido, é importante pensar a formação escolar como um processo de Emancipação que se distancia do processo formativo determinado pelos meios de comunicação de massa e possibilita uma análise crítica e reflexiva do sujeito.

Nesse sentido, a pesquisa tem caráter qualitativo de cunho bibliográfico, em que procura discutir o conceito de Indústria Cultural a partir das reflexões de Theodor Adorno e Max Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento*. Além disso, buscou selecionar alguns artigos da obra *Educação e Emancipação* produzida por Theodor Adorno a fim de analisar o conceito de Emancipação. Para maior clareza e profundidade na apresentação dos conceitos-chaves, foi importante a leitura de livros e artigos de autores que fazem reflexão sobre a temática.

Por fim, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro é denominado Contextualização da Teoria Crítica e do Conceito de Indústria Cultural. O segundo contém análise teórica sobre alguns conceitos presentes na obra *Dialética do Esclarecimento* para compreensão do processo de semiformação que está envolvido o sujeito. E por fim, no terceiro capítulo, apresenta-se uma reflexão em torno do conceito de Emancipação presente na obra *Educação e Emancipação* e sua contribuição no processo educacional.

CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEORIA CRÍTICA E DA INDÚSTRIA CULTURAL

1.1 Contextualização da teoria crítica

Teoria Crítica é um termo que se refere ao grupo de intelectuais alemães que a partir de 1920 inauguraram o Instituto para a Pesquisa Social vinculado à Universidade de Frankfurt. Estes pesquisadores, sob a influência de Karl Marx, Kant, Hegel, entre outros, formularam teorias em torno dos setores sociais, culturais, filosóficos e estéticos. Segundo Duarte (2003, p.9):

Os intelectuais em questão lançaram as bases para a constituição de uma teoria social, que levando em consideração o contexto de seu surgimento, não se esconde atrás de uma suposta neutralidade científica e se posicionam claramente contra o processo de espoliação da humanidade que o capital vem protagonizando há alguns séculos - especialmente no tocante à utilização intensiva dos meios tecnológicos no sentido de desinformar e desensibilizar, em benefício próprio, as legiões sempre maiores de despossuídos e ignorantes.

As elaborações teóricas dos pesquisadores de Frankfurt estavam diretamente ligadas ao momento histórico e ao contexto social em que estavam inseridos. Tanto as mudanças internas, como as alterações na gestão do instituto, quanto às mudanças externas, que podemos relacionar a chegada de Hitler ao poder na Alemanha e, conseqüentemente, a transferência da instituição para os EUA, contribuíram para pensarmos o Instituto para a Pesquisa Social dividido em diferentes períodos. Nos anos de 1920, a inauguração e consolidação do Instituto para Pesquisa Social. Nos anos de 1930, a transferência da Instituição para os EUA. Por fim, nos anos de 1950 e 60, o retorno do Instituto para Pesquisa Social para a Alemanha, juntamente com alguns de seus membros, por exemplo, Theodor Adorno, Max Horkhemeir e Friedrich Pollock.

1.1.1 Inauguração do Instituto para a Pesquisa Social

Em 1923, é criado na Alemanha o Instituto para a Pesquisa Social vinculado à Universidade de Frankfurt. Este foi resultado da iniciativa de Felix Weil, jovem doutorando em Ciências Políticas pela Universidade de Tubingen. O ponto de partida para a sistematização do instituto foi o evento *Primeira semana marxista de trabalho* organizado por Felix em 1922, no qual contou com a participação de vários intelectuais, como Frederick

Pollock, Georg Lukacs e Karl Korsch. O sucesso do encontro fez surgir um projeto mais ambicioso de organização de uma instituição para pesquisas e discussões teóricas.

Para a concretização do instituto, algumas condições foram importantes: encontro de Felix com Kurt Albert Gerlach, professor de ciências econômicas contratado pela Universidade de Frankfurt, parceria com o Ministério da Educação e o apoio financeiro do pai de Felix, Hermann Weil, alemão que enriqueceu na Argentina exportando cereais. Estes e outros fatores contribuíram para a elaboração e consolidação do Instituto para a Pesquisa Social. Para tanto, o mesmo permaneceu ligado à Universidade de Frankfurt, porém, suas decisões administrativas eram independentes em relação à Universidade. Segundo Duarte (2003), inicialmente, o instituto seria nomeado como Instituto para o Marxismo, porém, o nome foi considerado ideológico pelo Ministério da Educação e acabou sendo denominado de Instituto para a Pesquisa Social por manter uma neutralidade em relação às forças políticas vigentes.

A proposta “voltava-se para a investigação científico-filosófica com o objetivo de ampliar os horizontes teóricos do marxismo, o que possibilitaria imediatamente a correção dos erros cometidos no passado e a abertura de novas perspectivas para o futuro” (DUARTE, 2003, p.13). As ideias de Karl Marx se tornaram um norte para os trabalhos que foram realizados.

O primeiro diretor do instituto foi Kurt. A. Gerlach, que morreu pouco tempo depois de assumir o cargo. Em 1924, Karl Grunberg chega à direção. A sua gestão

Caracterizou-se por um marxismo pouco inovador e por uma esmagadora maioria de estudantes, assistentes e jovens cientistas ligados ao KLP (partido comunista alemão). Não que o trabalho realizado não fosse criativo, mas era sempre circunscrito à ortodoxia marxista, estando ainda longe da grande inovação no pensamento de esquerda construído posteriormente pela teoria crítica. (DUARTE, 2003, p.15)

Após alguns anos no comando, em 1928, Grünber é afastado por motivos de saúde e Pollock assumiu provisoriamente. Em 1931, Max Horkheimer é nomeado diretor e realiza mudanças significativas.

Em 1932 Horkheimer substitui a revista de Grünberg, “Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung”, pela “Zeitschrift für Sozialforschung”, a qual passa a dar abertura para a discussão de temas da atualidade e a ampliar sua gama de colaboradores, incorporando a seu quadro nomes como o de Theodor Wiesengrund-Adorno. E essa abertura também se refletiu em um deslocamento e alargamento das perspectivas teóricas. No mesmo ano de 1932, Herbert Marcuse passou a fazer parte do Instituto. (MOGENDORFF, 2012, p.153)

Após a nomeação de Horkheimer, outros intelectuais se ligaram ao instituto, como Theodor Adorno, Erich Fromm, Herbert Marcuse, além de Walter Benjamin e Siegfried Kracauer, que tiveram suas obras vinculadas à instituição. Para Wiggershaus (2002), não podemos pensar o Instituto de Pesquisas Sociais como uma proposta única de reflexão teórica. Apesar de unidos no mesmo projeto, cada pensador se direcionava a partir de posições diferentes para analisar sua problemática. Muitas questões discutidas pelos intelectuais de Frankfurt estavam ligadas aos problemas políticos e econômicos vivenciados na Alemanha. “Nesse início da década de 30, como se sabe, a situação política na Alemanha deteriorara-se visivelmente em função da crise econômica e de uma incapacidade de os social-democratas realizarem alianças políticas que os sustentassem no poder” (DUARTE, 2003, p.16). Em 1933, Adolf Hitler assumiu o poder. Isto causou alterações no Instituto para a Pesquisa Social.

1.1.2 Anos de 1930 e 1940 do Instituto para a Pesquisa Social

Em 1933, Hitler assume o poder na Alemanha. A partir disso, a estabilidade do Instituto para a Pesquisa Social chega ao fim. A instituição é fechada e alguns de seus membros perseguidos. Já o diretor Max Horkheimer “estava desde 1932 providenciando em Genebra, na Suíça, um escritório do Instituto que poderia servir como sede alternativa no caso de um revés político como de fato ocorreu” (DUARTE, 2003, p.17). Alguns pesquisadores permaneceram na Alemanha após a chegada de Hitler ao poder, mas com a ascensão do nazismo ficava cada vez mais evidente que a Europa não estava mais segura para manter o funcionamento da instituição nem a segurança dos seus membros. Pois, além de manterem uma concepção teórica diretamente ligada ao marxismo, o que desagradava o regime nazista, a maioria dos pesquisadores era composta por judeus e, com a nomeação de Hitler, começou um projeto de perseguição e extermínio dos mesmos. Esses são alguns fatores que impulsionaram a ida dos membros do instituto para os EUA.

Em 1934, Horkheimer, após uma viagem de “reconhecimento” para os Estados Unidos, transferiu o Instituto para Nova York. Pouco a pouco a ele se juntaram Marcuse, Löwenthal, Pollock e Witt Fogel (Adorno só imigraria em 1938). O quadro fixo de colaboradores do Instituto – agora conhecido como International Institute of Social Research – estava novamente reunido. (MOGENDORFF, 2012, p.153)

O período de residência do instituto nos Estados Unidos é importante, já que houve um número considerável de discussões e produções teóricas. Segundo Ortiz (2016, p. 221):

A mudança do Instituto da Alemanha para os Estados Unidos tem consequências importantes. A realidade americana era radicalmente diferente, e os autores se deparam com um tipo de capitalismo avançado que eles desconheciam até então. No final da década de 30 se consolida nos Estados Unidos um mercado cultural onde a presença de grandes indústrias como Hollywood é marcante.

Nos anos 30, o rádio e o cinema tornaram-se meios de divulgação e propagação da ideologia capitalista.

O rádio tem um desenvolvimento enorme como meio de comunicação, e contrariamente ao que se passava na sociedade alemã, onde ele era predominantemente um instrumento de propaganda política, se encontrava inserido numa situação de mercado. (ORTIZ, 2016, p. 221)

O avanço técnico vinculado aos interesses do mercado transformou a cultura em mercadoria. Essa foi uma questão debatida pelos intelectuais de Frankfurt principalmente na obra *Dialética do Esclarecimento*, produzida nos anos 40 por Theodor Adorno e Max Horkheimer.

No entanto, anterior às discussões propostas na *Dialética do Esclarecimento* ainda nos anos 30, exatamente 1937, Max Horkheimer publica a obra *Teoria Crítica e Teoria Tradicional*. A grosso modo, a Teoria Tradicional está vinculada aos princípios da razão moderna em que privilegia uma análise instrumental, acrítica e desvinculada de uma concepção histórica.

Para tanto, Horkheimer propõe uma Teoria Crítica como superação da Teoria Tradicional, na qual dá ênfase a uma racionalidade ancorada em uma reflexão crítica e histórica da realidade social. As discussões propostas por Horkheimer foram importantes e o termo Teoria Crítica passou a servir como referência ao Instituto para a Pesquisa Social. Wiggershaus (2002, p.37) afirma:

Era também uma espécie de camuflagem para a teoria marxista; entretanto, mais ainda, uma maneira de demonstrar que Horkheimer e seus colaboradores não se identificavam com a teoria marxista em sua forma ortodoxa, presa à crítica do capitalismo enquanto sistema econômico conduzido pela superestrutura e pela ideologia — mas com aquilo que era princípio na teoria marxista. Esse princípio essencial consistia na crítica concreta das relações sociais alienadas e alienantes. Os teóricos críticos não vinham nem do marxismo, nem do movimento operário. Eles reproduziam, de certo modo, as experiências do jovem Marx.

As obras produzidas na juventude por Karl Max contribuíram para a reflexão teórica dos intelectuais de Frankfurt, visto que puderam se afastar de uma perspectiva de análise ortodoxa. O jovem Max representava para alguns pensadores uma reviravolta no pensamento,

Porque esse Marx praticava a seus olhos uma filosofia concreta e mostrava que o capitalismo não significava apenas uma crise econômica ou política, mas uma catástrofe da natureza humana. Era preciso, portanto, não só fazer uma reforma econômica ou política, mas uma revolução total. (WIGGERSHAUS, 2002, p.37)

Apesar da importância de Marx, pensadores como Nietzsche, Freud, Kant e Hegel influenciaram as reflexões filosóficas dos intelectuais ligados ao Instituto para a Pesquisa

Social. Entre as obras elaboradas nos anos de 1930, constam *Teoria Crítica e Teoria Tradicional*, produzida por Max Horkheimer; *O Caráter afirmativo da Cultura*, ensaio de Herbert Marcuse publicado em 1937 e a *Obra de arte como reprodutibilidade técnica*, elaborada por Walter Benjamin e publicada em 1936. Benjamin não emigrou para os EUA, mas suas obras foram importantes para as concepções filosóficas dos pesquisadores de Frankfurt.

Já os anos de 1940 são marcados por uma quantidade considerável de obras produzidas: *Eclipse da razão* de Max Horkheimer, publicada em 1947, *Razão e Revolução* de Herbert Marcuse, publicada em 1941, e a obra *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947 e escrita por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Nesta, os autores realizaram uma crítica à razão subjetiva, pano de fundo para a ciência moderna em que previam um verdadeiro progresso em todos os setores da vida social. No entanto, Adorno e Horkheimer argumentavam que a razão que deveria livrar o homem do medo e transformá-lo em verdadeiro senhor contribuiu para regressão à barbárie. Além da crítica à racionalidade científica, a Indústria Cultural e o antissemitismo são temas abordados na obra.

A discussão em torno do conceito de Indústria Cultural é um ponto crucial e inovador no pensamento de Adorno e Horkheimer. A Indústria cultural age conforme um sistema industrial que transforma a cultura em mercadoria, adaptando os produtos ao consumo da massa. Os produtos são fabricados para o desenvolvimento do próprio mercado que, através de uma rede ideológica, orienta o consumo dos indivíduos. O procedimento imposto interfere na formação subjetiva e objetiva do sujeito através de um processo de alienação e reificação. Essa obra se torna referência no meio intelectual. Esses são alguns aspectos que marcam os anos 30 e 40 de residência dos Intelectuais de Frankfurt nos EUA. Por volta de 1950, alguns pesquisadores ligados ao Instituto para a Pesquisa Social retornaram para a Alemanha.

1.1.3 Os anos de 1950 e 1960 do Instituto para a Pesquisa Social

Ao fim da segunda guerra mundial, por volta de 1950, Adorno, Horkheimer e Pollock decidiram retornar para a Alemanha, porém Herbert Marcuse e outros pensadores permaneceram nos EUA. Em 1953, o Instituto foi formalmente restabelecido em Frankfurt. Alguns pesquisadores consideram até os anos de 1950 a primeira fase do instituto.

A partir de 1960, a instituição ficou conhecida pela expressão Escola de Frankfurt. Esse período dá início à segunda fase do Instituto para a Pesquisa Social. Temos a presença de Jürgen Habermas como colaborador de Adorno. Wiggershaus (2002, p. 35) afirma:

Quando, nos anos 60, surgiu efetivamente a imagem de uma escola, nela compreenderam-se as representações de um conceito, defendido em Frankfurt, de uma sociologia crítica cujos paladinos eram Adorno e Habermas, e de uma fase anterior do Instituto sob a direção de Horkheimer, fase de uma crítica radical da sociedade inspirada em Freud e Marx.

Apesar do termo Escola, ainda assim, não podemos pensar a denominação como uma análise a partir de um único paradigma, já que os pensadores da Teoria Crítica se divergem em suas perspectivas e elaborações teóricas.

A análise em torno da formulação e consolidação da Teoria Crítica traz a tona conceitos trabalhados pelos intelectuais de Frankfurt em pleno século XX que são importantes para refletirmos sobre questões da atualidade, principalmente as discussões no âmbito educacional. A indústria cultural, alienação, reificação e razão instrumental são conceitos importantes para pensarmos em torno da educação brasileira.

A Indústria Cultural opera como mecanismo ideológico que contribui para regressão à barbárie, no qual manipula as pessoas direcionando-as conforme o interesse do mercado. Além disso, os procedimentos exercidos pela Indústria Cultural contribuem para a alienação e reificação do sujeito em que favorece a semiformação ao invés de uma formação crítica.

1.2 Contextualização do conceito de Indústria Cultural

As elaborações teóricas dos autores da Teoria Crítica são importantes para pensarmos o contexto educacional na sociedade contemporânea brasileira. Entre os conceitos propostos está o da Indústria Cultural. Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 99), a cultura “confere a tudo um ar de semelhança, o cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto”. As ferramentas tecnológicas auxiliam na transformação da cultura em produto para o mercado.

Com a disseminação dos sistemas de comunicação ocorrida no século XX, Adorno e Horkheimer já alertavam para o poder manipulatório que teria o rádio, cinema e posteriormente a TV. Em contrapartida, podemos imaginar para os dias atuais as consequências que o acesso à internet causa no processo formativo do sujeito. A Indústria Cultural atua em todos os âmbitos sociais, inclusive no espaço escolar, em que jovens e adolescentes utilizam com frequência as ferramentas tecnológicas como celulares, tablet e computadores, os quais possibilitam a disseminação de vídeos e imagens via web. A imersão em torno das informações produzidas contribui para a alienação do sujeito. Eles se distanciam dos reais problemas sociais em troca dos aspectos superficiais do dia-a-dia. Nesse sentido, refletir sobre a Indústria Cultural é importante para compreendermos o processo formativo do

sujeito envolvido pelas tecnologias digitais e, assim, pensarmos uma formação que o leve a uma visão crítica da realidade.

Anterior à análise sobre a Indústria Cultural na obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) debatem sobre a contradição entre o avanço tecnológico e a realidade social. Para os autores, o progresso que deveria livrar os homens do medo e transformá-los em verdadeiros senhores não se concretizou porque a sociedade esclarecida ainda é vítima de uma crescente desigualdade social. “É de estarrecer a constatação de que atualmente temos as condições objetivas de simplesmente eliminar a fome da face da terra e, ao invés disso, o que observamos justamente é a reprodução da miséria” (ZUIN, 1999, p.7). A proposta do esclarecimento seria desenvolver um conhecimento que se afastasse de qualquer explicação mítica ou sobrenatural. “Sonhava-se com um sistema dedutivo único, de caráter lógico formal, capaz de solucionar todos os problemas oriundos das relações sociais” (ZUIN, 2003, p.9). Mas o desenvolvimento técnico aliado ao sistema capitalista não permitiu satisfazer as necessidades da população em que muitos vivem em condições precárias de existência. As pretensões inerentes ao capitalismo ficam apenas no plano ideológico.

O sistema econômico capitalista em conjunto com os meios de comunicação de massa incorpora uma série de ideologias que são divulgadas diariamente e que colaboram na manutenção, mascarando as contradições presentes na sociedade. Segundo Adorno e Horkheimer,

Sob o monopólio, toda cultura de massa é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.100)

Os interesses em relação aos bens produzidos estão ligados à lucratividade. Nesse sentido,

Se os homens, no capitalismo, podem igualar-se entre si, pois as relações de mercado, na maioria das vezes, dispensam saber suas origens sociais, e se esse fato possui uma dimensão positiva, se comparado com as rígidas estruturas feudais, por outro lado, são como consumidores que os indivíduos se afastam do controle de suas potencialidades, já que são subsumidas ao fetiche de objetos produzidos pelos próprios homens. (ZUIN, 1999, p.41)

No sistema capitalista a igualdade é estabelecida mediante o poder de compra dos indivíduos que se rendem aos produtos oferecidos no mercado. Na perspectiva de Adorno e Horkheimer, a divulgação e o consumo em massa dos produtos fabricados contribuem para alienação do sujeito e este se afasta de sua verdadeira necessidade em prol das necessidades

produzidas¹. Duarte afirma que “é por isso que Adorno e Horkheimer denunciam como falacioso o argumento apologético, segundo o qual a padronização e o baixo nível dos produtos culturais são reflexo daquilo que o próprio público produziu” (2003, p. 51). As mercadorias são produzidas tendo em vista as necessidades de lucro dos grandes empresários e não as reais necessidades da população. Os meios de comunicação de massa aliados aos interesses do mercado produzem falsas necessidades e atuam diretamente no comportamento e na formação de ideias e valores que colaboram na manutenção do próprio sistema.

Um dos procedimentos utilizados na discussão sobre a Indústria Cultural é o do esquematismo, segundo Duarte (2003, p. 54):

A partir dessa relação a objetos que Adorno e Horkheimer se apropriam do conceito de esquematismo no sentido de mostrar em que medida uma instância exterior ao sujeito, industrialmente organizada no sentido de proporcionar rentabilidade ao capital investido, usurpa dele a capacidade de interpretar os dados fornecidos pelos sentidos segundo padrões que originalmente lhe eram internos.

¹ Nesse ponto é que destacamos, para a compreensão da análise, a discussão de Marx (2003, p. 47) sobre o conceito de reificação: proletariado e riqueza são antíteses. E nessa condição formam um todo. Ambos são formas do mundo da propriedade privada. Do que aqui se trata é da posição determinada que um e outro ocupam na *antítese*. Não basta esclarecê-los como os dois lados – ou extremos – de um todo. A propriedade privada na condição de propriedade privada, enquanto riqueza é obrigada a manter a sua própria existência e com ela a existência de sua antítese, o proletariado. Esse é o lado *positivo* da antítese, a propriedade privada que se satisfaz a si mesma. O proletariado na condição de proletariado, de outra parte, é obrigado a supra-sumir a si mesmo. Esse é o lado *negativo* da antítese, sua inquietude em si, a propriedade privada que dissolve e se dissolve. [...] Dentro dessa antítese o proprietário privado é, portanto, o partido conservador, e o proletariado é o partido destruidor. Daquele, parte a ação que visa manter a antítese, desse a ação de seu aniquilamento. Em seu movimento econômico-político, a propriedade privada se impulsiona a si mesma, em todo caso, à sua própria dissolução; contudo, apenas através de um desenvolvimento da coisa: apenas quando engendra o proletariado enquanto proletariado, enquanto engendra a *consciência de sua miséria espiritual e física*, enquanto engendra a desumanização *consciente – e portanto supra-sunora – de sua própria desumanização*. O proletariado executa a sentença que a propriedade privada pronuncia sobre si mesma ao engendrar o proletariado, do mesmo modo que executa a sentença que o trabalho assalariado pronuncia sobre si mesmo ao engendrar a riqueza alheia e a miséria própria. Se o proletariado vence, nem por isso se supra-sume a si mesmo e à sua antítese. Aí sim tanto o proletariado quanto a sua antítese condicionante, a propriedade privada, terão desaparecido. Se os escritores socialistas atribuem ao proletariado esse papel histórico-mundial, isso não acontece, de nenhuma maneira, conforme o que a crítica pretexta dizer que acontece, ou seja, pelo fato de eles terem os proletários na condição de deuses. Muito pelo contrário. Porque a abstração de toda humanidade, até mesmo da aparência de humanidade, praticamente já é complexa entre o proletário instruído; porque nas condições de vida do proletário estão resumidas as condições de vida da sociedade de hoje, agudizadas do modo mais desumano; porque o homem se perdeu a si mesmo no proletariado, mas ao mesmo tempo ganhou com isso não apenas a consciência teórica dessa perda, como também sob a ação de uma *penúria absolutamente imperiosa – a expressão prática da necessidade –*, que já não pode mais ser evitada nem embelezada, foi obrigado a revolta contra essas desumanidades; por causa disso o proletariado *pode e deve libertar-se a si mesmo*. (o grifo é nosso) Mas ele não pode libertar-se a si mesmo sem supra-sumir suas próprias condições de vida. Ele não pode supra-sumir suas próprias condições de vida sem supra-sumir todas as condições de vida desumana da sociedade atual, que se resume em sua própria situação. (Todos os destaques em itálico são do autor)

Adorno e Horkheimer se apropriam desse conceito formulado por Kant e afirmam que a Indústria Cultural se apropriou dessa característica que é própria do sujeito. Antes de o sujeito ter acesso aos produtos veiculados no mercado, o mesmo já foi conscientemente aprovado no processo de produção, o qual condiciona os sentidos para a aceitação e consumo dos produtos. A exibição de uma música, uma novela de grande sucesso ou a exposição de um filme é apresentada aos telespectadores como uma grande novidade, no entanto, o conteúdo da produção só varia na aparência, já que a música de sucesso mantém a sequência de fácil memorização que as músicas anteriores e o conteúdo é semelhante à mesma do gênero musical.

Além disso, a Indústria Cultural promove o entretenimento do público através dos produtos produzidos pelo mercado. Este processo promove adaptação e conformação ao status quo. Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 11):

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados a altura dos tempos atuais. A Indústria Cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feito das mercadorias.

Apesar da diversão ser um mecanismo utilizado pela Indústria Cultural para distrair o consumidor, “tal posição não representa, no entanto, como se pensa frequentemente, uma pura simples condenação do entretenimento: os autores estão cientes de que não só ele, como outros elementos da Indústria Cultural já existiam muito tempo antes do seu surgimento” (DUARTE, 2003, p.58). Porém, a Indústria Cultural se apropria e retira da diversão ou arte “leve” os desejos, a espontaneidade e sua ingenuidade nela imbricados, e a transforma em mercadoria.

Adorno e Horkheimer (1985) reconhecem a relevância do entretenimento anterior à apropriação pela Indústria Cultural e ressaltam a importância da arte autônoma como um ponto crítico em relação ao capitalismo e à cultura industrializada. “A arte séria recusou-se àqueles para quem as necessidades e a pressão da vida fizeram da seriedade um escárnio e que tem todos os motivos para ficarem contentes quando podem usar como simples passatempo o tempo que passam junto às máquinas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.112). A arte séria ou autônoma tem o dever com a verdade e, para tanto, seu conteúdo implica crítica e reflexão; já os produtos culturais estão diretamente ligados ao lucro e colaboram para o conformismo social. Depois de explicitar sobre a arte leve e a arte autônoma, os autores

apontam que ambas são contrárias aos processos de produção dos produtos confeccionados pela Indústria Cultural.

Tanto a arte leve como a arte séria são manifestações que surgem a partir dos desejos e expectativas dos sujeitos. As suas produções se diferenciam em relação a suas características e objetivos. Porém, a crítica dos autores está relacionada à tentativa da Indústria Cultural de se apropriar dessas duas manifestações artísticas para a elaboração dos seus produtos.

E essa tentativa não é sem razão: ao contrário dos outros dois modelos mencionados, o da arte culta “autônoma” e da arte “leve”, popular, que possuem, em diferentes medidas e com diferentes graus de elaboração, a espontaneidade das expressões de anseios e sentimentos das sociedades em que surgem, a indústria cultural é, antes de tudo, um negócio que tem seu sucesso condicionado a empréstimos e fusões da cultura, da arte e da distração, subordinando-se totalmente as já mencionadas finalidades de lucro e de obtenção de conformidade ao status quo. (DUARTE, 2003, p.59)

A fusão da arte leve com a arte séria realizada pela Indústria Cultural acarreta prejuízos, cujo resultado se vê na banalização de ambas. A arte como produção em massa perde suas características, por exemplo, a espontaneidade e os desejos inerentes, e se tornam mercadorias, tendo o objetivo de gerar lucro e adequação à realidade social. “Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da Indústria Cultural, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a totalidade da Indústria Cultural. Ela consiste na repetição” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.112).

O sujeito se encontra em uma rede de manipulação em que a variedade dos produtos é colocada sempre como uma novidade, no entanto, o novo varia somente na aparência, já que o conteúdo se mantém o mesmo, “com razão que o interesse de inúmeros consumidores se prende à técnica, não aos conteúdos teimosamente repetidos, ociosos e já em parte abandonados” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 112).

Desse modo, na tentativa de fundir a arte leve com a arte séria, a Indústria Cultural transforma a arte em diversão. O controle exercido pelo produto procura entreter o consumidor para que não possa refletir sobre os aspectos contraditórios presentes na realidade social. Segundo Duarte (2003), a característica infinitamente repetitiva dos produtos culturais é considerada uma continuidade durante o lazer dos mesmos procedimentos repetidos durante o trabalho. Nesse sentido, “a diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se por de novo em condições de enfrentá-lo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.113).

Os momentos durante o lazer, como ouvir música, assistir a um filme e passear no Shopping Center se tornam instrumentos para disciplinar o sujeito. “Ao processo de trabalho

na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda a diversão” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113). A diversidade do conteúdo é camuflada pela constante do mesmo. A apreensão do conteúdo presente nos produtos oferecidos pelo mercado não exige nenhum esforço do consumidor; ele os absorve na medida em que se apropria das ideologias disseminadas pelo sistema capitalista.

Outra característica apontada como típico da Indústria Cultural é o que Duarte (2003, p.61) denomina “Introdução do cálculo de probabilidade como um método para eliminar o acaso, fazer com que esse coincida, no limite, com uma espécie de destino fatídico”. Ela dissemina entre os consumidores a ideia de que todos/as têm as mesmas oportunidades de serem promovidos/as ou premiados/as. “Esse pode ser tanto o miserável que se tornou milionário da noite para o dia ao ser sorteado no concurso promovido pelo sabão em pó, ou da recepcionista que teve seu talento revelado no programa de calouros e se tornou uma grande estrela” (DUARTE, 2003, p.61).

A Indústria Cultural através dos meios tecnológicos contribui para a disseminação de ideologias presentes no sistema capitalista, em que os telespectadores se identificam com o que está sendo apresentado como o famoso reality show, no qual o ganhador anônimo se torna um milionário. “Isso porque a simples possibilidade matemática de ser contemplado com o prêmio é vendida ao público como se já representasse a própria contemplação, porque, afinal de contas, alguém ganhou e não importa se não foi A ou B- (...)” (DUARTE, 2003, p.61). Ela transforma o sujeito em um ser descartável, já que este pode ser meramente substituído por qualquer outro. O sujeito é utilizado como modelo para a disseminação da ideologia capitalista, na qual todos têm as mesmas oportunidades de se beneficiarem com os bens disponíveis. “Tal processo não se aplica, naturalmente, apenas aos sorteios ou seleção de atores, mas permeia todo o processo de trabalho como uma tendência geral do capitalismo monopolista” (DUARTE, 2003, p. 62). O processo utilizado pela Indústria Cultural perpassa toda a realidade social.

O avanço tecnológico expandiu de uma forma extraordinária, permitiu uma circulação cada vez maior de informações e se estendeu a um número cada vez maior de pessoas em que todo conteúdo chega ao público em milésimos de segundos, além de outras vantagens como o acesso rápido a músicas, filmes, conversas, entre outros. Essas características do desenvolvimento técnico são apropriadas pela Indústria Cultural, que se apossa dessas vantagens para divulgar seus produtos contribuindo no processo de reificação e alienação do sujeito.

Todos os procedimentos exercidos se estendem em todos os setores sociais, inclusive no espaço escolar. Sendo um espaço de produção de conhecimento, pode propiciar ao estudante uma visão crítica sobre a realidade. Porém, observa-se que os aparelhos tecnológicos utilizados pelos alunos estão a serviço da Indústria Cultural, pois permitem que sejam bombardeados por uma quantidade enorme de imagens que os direcionam em todos os âmbitos da vida social. Esta produção está vinculada aos interesses do mercado e auxilia na formação acrítica do sujeito.

Diante disso, é importante questionar sobre o conceito de Indústria Cultural e a sua interferência no contexto educacional, para assim elaborar estratégias que auxiliem na promoção de uma formação crítica contrária aos interesses do mercado. A influência na formação crítica produz o que Adorno e Horkheimer denominaram de semiformação.

O princípio burguês de individuação, cujas bases foram dolorosamente edificadas, se metamorfoseia em seu contrário, pois o engodo da personalidade bem estruturada não pode se eximir da necessidade de ser associado ao consumo de algum tipo de produto da Indústria Cultural, cuja elaboração pautou-se na mentira da primazia das necessidades básicas sobre as necessidades de consumo. Mas o indivíduo também sente que a possibilidade de usufruir da falsa experiência de ser reconhecido como “sujeito” pelos outros depende, sobretudo dos signos dos bens de consumo que porta. (ZUIN,2001,p.13)

Sendo assim, pensar a educação como forma de emancipação se torna uma alternativa para uma proposta educacional que se direciona para a formação crítica contrária ao processo de semiformação imposto pela indústria cultural, visto que a sociedade é marcada pelas novas tecnologias digitais, proibidas ou não dentro do espaço escolar, que fazem parte do cotidiano do aluno. Isso não pode ser ignorado, sendo importante pensar em estratégias para utilizá-las a favor dos interesses da escola.

Nesse sentido, a reflexão em torno do conceito de Emancipação elaborado por Theodor Adorno na obra *Educação e Emancipação* é um caminho para a compreensão desse conceito e a partir disso pensarmos uma proposta educacional em que o mesmo possa ser utilizado. No artigo *Educação - Para quê?*, Adorno afirma que

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não assim chamada modelagem de pessoas, [...]; mas também não a mera transmissão de conhecimento, [...], mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive, da maior importância política; sua ideia se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. (ADORNO, 1995, p.141)

Partir do conceito de emancipação é pensar sobre uma educação que propicie a compreensão da realidade social e seja contrária a qualquer forma de barbárie existente. No entanto, é ingênuo pensar a desbarbarização como um elogio à moderação ou às afeições

fortes. Segundo Adorno (1995), a educação está relacionada à ação politicamente refletida do sujeito. Isto tem a ver com a formação de um sujeito emancipado que, através do uso de sua própria razão, consegue tomar as suas próprias decisões. Portanto, seguir o caminho da emancipação pode ser uma alternativa para um processo formativo no espaço escolar.

CAPÍTULO 2: A QUESTÃO DA “DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO” EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO

Na perspectiva de Adorno, a educação tem a ver com a formação de um sujeito emancipado que, por meio do uso de sua razão, consegue tomar suas próprias decisões através de uma prática reflexiva. Para pensar a educação como um processo de emancipação é importante refletir sobre a influência da Indústria Cultural, a qual contribui para a alienação, reificação e a semiformação do sujeito. A análise em torno desses conceitos é essencial para uma proposta educacional que permite que o sujeito possa ter uma compreensão e capacidade crítica para pensar sobre os aspectos presentes na realidade social.

Nessa conjuntura, a escola tem um papel importante. Sendo um espaço de construção e produção de conhecimento, pode propiciar ao estudante uma visão crítica e reflexiva em torno da realidade social. No entanto, percebe-se que os jovens e adolescentes estão cada vez mais imersos nos produtos divulgados pela Indústria Cultural. Neste ponto, não podemos pensar em formação, mas em semiformação do sujeito, já que “Quando a produção simbólica se converte numa mercadoria como outra qualquer de tal forma que o seu caráter de valor subordina autoritariamente o seu valor de uso, então já se encontram estabelecidas as bases para a consolidação da semiformação” (ZUIN, 1999, p.58). A semiformação é consequência do conteúdo simbólico exposto pela Indústria Cultural em que predomina a racionalidade instrumental voltada para a adaptação ao status quo.

Compreende-se o conceito semiformação justamente pela tentativa de oferecimento de uma formação educacional que se faz passar pela verdadeira condição de emancipação dos indivíduos quando, na realidade, contribui decisivamente tanto para a reprodução da miséria espiritual como para a manutenção da barbárie social. E o contexto social no qual a barbárie é continuamente reiterada é o da indústria cultural hegemônica. (ZUIN, 2001, p.10)

Além do conceito de Indústria Cultural, a obra *Dialética do Esclarecimento* apresenta questionamentos que podem ser utilizados para refletirmos sobre a educação no atual contexto. No primeiro capítulo da obra denominado *O conceito de Esclarecimento*, “os autores irão delinear o processo de constituição da razão e apresentam o entrelaçamento entre o mito e a ciência na história da civilização ocidental, buscando elucidar os aspectos emancipatórios e regressivos desse percurso”. (BARBOSA, p. 3314). Na obra, o conceito de Esclarecimento não se refere a um determinado momento histórico, mas a todo processo de racionalização ocorrido desde os primórdios da humanidade.

A proposta do Esclarecimento surge a partir do medo diante do desconhecido como uma maneira de determinar e dominar a realidade. Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que a tentativa do Esclarecimento era livrar os homens do medo e da ignorância e transformá-los em verdadeiros senhores tanto da natureza interna como da natureza externa. A busca de determinação da natureza se encontrava desde as narrativas míticas como forma de explicação do real.

No mito, “as narrativas buscam superar a angústia frente à situação de ameaça da natureza pelos rituais sagrados, na esfera da representação, através do encantamento da natureza” (BARBOSA, p. 3315). A explicação ocorre na medida em que o sujeito se assemelha aos aspectos presentes na natureza e, com isso, busca obter o controle dos fenômenos observados através das práticas ritualísticas.

No percurso para a ciência moderna, a verdade encontrada nos mitos é substituída por uma concepção de verdade que é alcançada pela utilização do método científico. Este pretende se afastar da mitologia através de um recurso lógico formal e, assim, conhecer a realidade através da matematização dos fenômenos.

O mito é substituído pelo saber racional-científico, pela razão que promete desmembrar as leis lógicas e racionais que regem a natureza, amparado por uma mentalidade prática e por ferramentas tecnológicas, que resultam não só na dominação da natureza externa, mas também da natureza interna (...). (BARBOSA, p. 3315)

Esse procedimento se pauta pelos critérios de cálculo e probabilidade com o intuito de dominar a natureza. Nesse sentido,

Adorno e Horkheimer citam Bacon como um dos primeiros grandes entusiastas e defensores da construção de um saber que se afastasse da estéril filosofia aristotélica e se aproximasse de uma perspectiva de aplicação empírica (...). Para que o verdadeiro método científico pudesse devidamente ser aplicado, a mente humana precisaria ser descongestionada das representações equivocadas que só serviriam para obstaculizar o progresso da própria humanidade (ZUIN, 1999, p.8)

No desenvolvimento da ciência moderna, Adorno e Horkheimer (1985) reconhecem Francis Bacon como o pai da filosofia experimental. O processo imposto pela ciência daria condições para obter um conhecimento preciso da realidade. “A operação, o cálculo e o procedimento eficaz, para Bacon, forneceriam as condições para que tivéssemos a certeza de caminharmos em terras bem mais firmes que o “pantanos” terreno da metafísica” (ZUIN, 1999, p.9). Bacon se torna o precursor da ciência moderna e do método científico, na medida em que procura dissolver qualquer explicação sobrenatural sobre os fenômenos da natureza. “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (ADORNO; HORKHEIMER,

1985, p.18). O objeto externo é reduzido ao cálculo, o qual eliminam as características qualitativas a favor da quantificação e subsunção a uma categoria pré-definida, fazendo o novo algo determinado pelo sujeito.

Esse tipo de procedimento lógico espalha-se de tal forma que se torna difícil negar o seu poder de atuação, bem como o fascínio e a confiança depositados nas regras e leis gerais que permitem fazer com que possamos prever a relação custo-benéfico para todas as atividades sociais. Uma vez que já conhecemos de antemão a forma como devemos nos comportar em todas as situações, fica difícil recusar o aplauso à racionalidade intrínseca a essa sociedade. (ZUIN, 1999, p.9)

Segundo Adorno e Horkheimer, na ciência moderna, a proposta do esclarecimento era desencantar o mundo. O objetivo era destruir as explicações provenientes dos mitos e substituir a imaginação pelo saber.

O que importa não é aquela satisfação que, para os homens se chama “verdade”, mas a “operation”, o procedimento eficaz. Pois não é nos discursos plausíveis, capazes de proporcionar deleite, de inspirar respeito ou de impressionar de uma maneira qualquer, nem em quaisquer argumentos verossímeis, mas em obrar e trabalhar e nas descobertas de particularidades antes desconhecidas, para melhor prover e auxiliar a vida, que reside “o verdadeiro objetivo e função da ciência”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.18)

O caminho do Esclarecimento é uma racionalidade em que predomina a dimensão técnica. “A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer no discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.18). Os procedimentos impostos pela instrumentalização da razão forneceriam as condições necessárias para o avanço na ciência e, conseqüentemente, esclarecimento sobre os fenômenos e questões presentes na realidade social, contribuindo para eliminar as necessidades diárias.

A instrumentalização positiva da razão na técnica seria a premissa central para o crescimento de uma sociedade mais justa e equilibrada. Contudo, mesmo diante de todos os avanços técnicos e dos produtos gerados pela divisão social do trabalho cada vez mais complexa, fica presente a sensação de que algo está errado. (...) Será que esse tipo de saber esclarecido consegue finalmente superar a irracionalidade mítica? Para Adorno e Horkheimer, esses mesmos mitos solapados pelo esclarecimento (Aufklärung), ou melhor, as bases estruturadoras do próprio esclarecimento já estavam imanentemente presentes nas racionalizações mitológicas. (ZUIN, 1999, p.11)

Mas o saber científico mediado pela racionalidade técnica caminha em direções opostas; por um lado é evidente o avanço tecnológico presente no dia-a-dia das pessoas, por exemplo, automóveis, TV, telefone, entre outros. Porém, essa razão que contribui para as produções tecnológicas é a mesma que presencia e auxilia para a miséria presente na sociedade. A promessa de igualdade e justiça através do desenvolvimento científico fica somente no plano ideológico.

Nesse sentido, Adorno e Horkheimer fazem uma crítica à racionalidade técnica, que ao chegar ao ápice de desenvolvimento fracassa internamente, já que a proposta do Esclarecimento era se afastar de qualquer explicação mítica sobre a realidade; mas no decorrer de seu desenvolvimento retorna ao próprio mito. “O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade, o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exerce o poder”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.21)

Os procedimentos típicos do Esclarecimento já estavam presentes na suposta irracionalidade do mito. O mito como o Esclarecimento procura fornecer uma explicação e controle da natureza. Apesar de análises distintas sobre o mesmo objeto, tanto as narrativas mitológicas como a proposta do Esclarecimento compartilha dos mesmos objetivos. Duarte (2003, p. 43) afirma que, para Adorno e Horkheimer, “há uma certa continuidade entre a forma anterior, mítica, de intervenção na natureza (através, por exemplo, da feitiçaria), e a moderna, apoiada em uma racionalidade que se acredita inesgotável e infinita”, como na mitologia a razão técnica está submetida à lei da igualdade. No primeiro, os fenômenos eram explicados através das práticas ritualísticas. Já a racionalidade técnica, através do princípio da igualdade, busca determinar a partir de um procedimento lógico formal a realidade material.

O método utilizado pela razão técnica permite que os objetos sejam conhecidos a partir de um procedimento de abstração e determinação que é realizado pelo sujeito. Este se encontra na posição de conhecedor da realidade, porém, nesse processo, se aliena do objeto pensado, pois há um distanciamento em relação ao mesmo. Logo, nesse movimento, o sujeito se aliena de si mesmo. “A natureza desqualificada torna-se matéria caótica para uma simples classificação, e o eu todo poderoso torna-se a identidade abstrata” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 22). O sujeito direcionado a uma dimensão instrumental da razão não percebe o processo de alienação em que está envolvido e não se reconhece enquanto sujeito. Ele se distancia de seus desejos e anseios, já que a alienação decorrente da instrumentalização da razão impede a formação de sua identidade e, com isso, se submete ao que é estabelecido socialmente. Nesse sentido,

A ideologia que a Indústria Cultural impõe apresenta os dados da experiência social como sendo imediatos, não havendo uma mediação pelo processo que o tornou possível. Os homens renovam com seu próprio trabalho uma realidade que os escraviza e em medida crescente os ameaça com todo tipo de miséria. (...) Por conseguinte, os indivíduos do capitalismo contemporâneo precisam, como Narciso, de um espelho em que possam recobrar o amor e o reconhecimento por sua própria imagem tão comprometida pelo esforço desgastante de continuar a gerar valores financeiros. Assim, como o sistema visa apenas à comercialização e o lucro, as mercadorias culturais passam a ser objeto de valor, o que passa a interferir na sua criação e no conteúdo produzido. A mercantilização da cultura tende a criar um

conformismo e o gosto domesticado que almejam a integração das massas ao próprio sistema. (KOOP, 2018, p.12-13)

O avanço técnico proporcionado não consegue eliminar as carências materiais e, além disso, o processo inerente a uma racionalidade técnica contribui para a reificação da consciência. Esta é formada a partir do caráter instrumental do conhecimento.

No processo de instrumentalização da razão, o pensamento se dilui e se torna instrumento. (...) Na tentativa de normatizar e mensurar o pensamento ocorre uma inevitável desumanização do pensamento, que se desvanece na cultura da autopreservação, do conformismo, da adaptação. (BARBOSA, p. 3318)

A reificação da consciência impede que o sujeito se relacione diretamente com os fenômenos externos, de maneira que a teoria se deixa definir não pelo reconhecimento das contradições presentes na sociedade, mas na tentativa de se conformar aos fatos observados. “A relação entre sujeito e objeto se resume na redução do objeto a sua mensurabilidade. A questão levantada pelos autores é que a dominação se estende para os próprios indivíduos, que se tornam reféns de si próprios” (BARBOSA, p. 3319). O sujeito se afasta de si mesmo e o seu pensamento é adequado às estruturas pré-definidas pela sociedade. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), no processo de reificação da consciência o pensamento só reconhece o que é divulgado pelo sistema de comunicação de massa, deixando de lado seus elementos constitutivos. As reflexões em torno das relações sociais são diluídas e relacionadas aos interesses do sistema dominante.

A racionalidade instrumental atingiu diversos setores da vida social, tornando o potencial de emancipação em aprisionamento das condições de liberdade, na dissolução do indivíduo autônomo. A autorreflexão foi suprimida e deixou de lado a exigência clássica de pensar o próprio pensamento. (BARBOSA, p.3320)

Desse modo, a instrumentalização da razão em consonância com os procedimentos impostos pela Indústria Cultural contribui no processo de alienação, reificação e semiformação. A divulgação de uma série de ideologias promovidas pela Indústria Cultural dificulta a formação crítica do sujeito. Este absorve todas as informações disponibilizadas que são capturadas sem nenhuma análise ou reflexão. “Resistir a isso não é um processo tão simples, mas cabe uma orientação normativa da educação para a contradição e para a resistência, com o objetivo de fazer uma reconstrução cultural, para ir além da vigência da semiformação” (TEIXEIRA; HORN, 2013, p.989-993).

Nesse sentido, pensar o conceito de emancipação proposto por Adorno é uma alternativa a todo o processo formativo imposto pela sociedade atual. A escola como espaço de formação e produção de conhecimento pode propiciar ao estudante uma formação contrária aos processos exercidos pelos meios de comunicação de massa. A educação como forma de

emancipação permite que o sujeito tenha uma visão sobre os processos contraditórios vivenciados na realidade social, se afastando de qualquer coerção ou manipulação externa. A emancipação é um caminho para pensarmos um processo formativo que se pauta por uma racionalidade direcionada a uma análise crítica e reflexiva de todos os aspectos da vida social.

CAPÍTULO 3 - EIXO ESTRUTURAL DA CRÍTICA DE ADORNO A UM PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO

O processo educativo permite que o sujeito possa compreender aspectos importantes sobre o meio social, cultural e histórico no qual está inserido. Nesse sentido, é importante um processo educativo que dê ênfase na análise e na reflexão para que o sujeito possa compreender as várias questões intrínsecas à sociedade. Visto que o processo formativo pode acontecer em diferentes setores, como a família e o trabalho, o ponto de partida para pensar em uma formação crítica será, nesse caso, o ambiente escolar.

Pensando nisso, Adorno, através do conceito de Emancipação, propõe uma educação que seja contrária a qualquer forma de barbárie existente. *Educação e Emancipação*, uma coletânea de textos organizados a partir de conferências e entrevistas proferidas por Adorno na rádio Hassen entre os anos de 1959 a 1969. Para melhor compreensão do conceito de Emancipação trabalhado é feita uma síntese de dois artigos elaborados pelo autor na obra em questão: *A educação Após Auschwitz e Educação contra Barbárie*. A análise dessas obras é essencial para fundamentar teoricamente uma proposta educacional direcionada para a emancipação do sujeito.

3.1 A educação Após Auschwitz

Auschwitz foi um dos maiores campos de concentração da Alemanha nazista no contexto da 2ª guerra mundial. Segundo as reflexões de Theodor Adorno, Auschwitz reflete todo o processo de regressão à barbárie, já que foi o palco da morte de milhões de pessoas inocentes vítimas do regime Alemão sob o comando de Adolf Hitler. Sendo assim, Adorno (1995), a partir de uma palestra transmitida na rádio Hassen em 1965, escreve o texto *Educação após Auschwitz*. Nessa obra, ele direciona sua argumentação a favor da não repetição de Auschwitz como primeira exigência para a educação. Para pensar em uma educação contrária a Auschwitz é essencial refletir sobre o porquê e como ocorreram àquelas atrocidades, além de quais condições poderiam impedir que o horror ocorrido na Alemanha naquele período não aconteça novamente.

Para tanto, ele recupera a análise psicanalítica de Freud quando admite a existência de um princípio anti civilizatório em que, por intermédio da cultura, o indivíduo experimenta decepções e fracassos e esses sentimentos se transformam em agressão, que é direcionada para a própria cultura. No entanto:

O desejo não se conforma quando sente o engodo da sua falsa realização na sociedade demarcada pela repressão, aparentemente inócua, exercida pela indústria cultural. Na sociedade do capitalismo tardio, que sempre aspirou representar o apogeu do esclarecimento, as pulsões encontram-se longe da satisfação de suas necessidades que são cotidianamente subordinadas aos anseios do consumo. (ZUIN, 1999, p.43)

A partir disso, pode-se afirmar que, com o desenvolvimento do capitalismo na sociedade contemporânea, a pressão civilizatória observada por Freud aumentou de uma maneira insuportável. O sistema capitalista é amparado pelos procedimentos da Indústria Cultural que transforma os bens culturais em produtos para o mercado e direciona o indivíduo ao consumo. Segundo Duarte “A partir dessa demanda genérica, os produtos são oferecidos levando em consideração não às necessidades específicas do público, mas aquelas da própria indústria e do sistema de exploração que abriga.” (2003, p.51). A Indústria Cultural através de um sofisticado aparato comunicativo e visual manipula as pessoas direcionando-as conforme o interesse do mercado, com isso, mascara as contradições sociais, as relações de dominação e exploração existente no meio social. Diante disso, entre os procedimentos utilizados pela Indústria Cultural estão os da identificação e falsa projeção. A projeção deveria ser construída pelo sujeito e ao invés disso é predefinida pela Indústria Cultural que produz ideias, normas e valores que são absorvidos pelos mesmos. Segundo Zuin (1999, p. 84),

É quando o mecanismo projetivo é substituído pela falsa projeção, ou seja, essa capacidade projetiva que faz parte de nossa espécie e que permite o desenvolvimento progressivo das capacidades do ego que discernem quais são os limites de nossas ações e quais valores que devem ser assimilados ou não é que cada vez mais prejudica até se metamorfosear na atitude do paranoico que projeta seus desejos e medos na vítima potencial.

A falsa projeção é a incapacidade do sujeito de distinguir no material projetado o que é próprio e o que provém de um fator externo. Pensando nisso, podemos relacionar o processo da falsa projeção com o ocorrido na Alemanha nazista. Naquele momento, foi construído e projetado a imagem do líder, o qual se apresentava como o homem do povo que iria reerguer a Alemanha. Além disso, segundo Zuin, a estratégia “era dicotomizar o mundo entre os bons e os maus. Tal estratagem redundava na concordância de todos os seguidores de que os eleitos eram os que se salvariam, enquanto que os considerados de fora estariam condenados”. (1999, p.89). Toda a imagem estava consolidada no discurso do líder e na arte projetada para enaltecer a soberania Alemã. No entanto, o ódio e a fúria dos Alemães foram projetados, entre outros, na figura do judeu. Estes foram considerados os responsáveis pelos males ocorridos na Alemanha. Diante disso, percebe-se que os procedimentos impostos pela Indústria Cultural

contribuíram para disseminação de ideologias que culminou na morte de milhões de pessoas inocentes.

Segundo Adorno (1995), para pensar uma educação como forma de desbarbarização é importante analisar os pressupostos subjetivos e objetivos que geraram Auschwitz. Os pressupostos objetivos seriam a organização da estrutura social. Essa, guiada pelos interesses do capital, cria formas de controle e dominação que são executadas através dos setores econômicos, culturais e políticos. Adorno analisa os sujeitos que, sob determinadas condições, foram capazes de exterminar milhares de judeus. O autor não se atém nas vítimas que foram assassinadas, mas busca as raízes nos perseguidores. Desse modo, é necessário reconhecer e revelar os mecanismos (conceito de severidade e o de consciência coisificada são alguns mecanismos analisados no texto *Educação após Auschwitz*, no qual contribuem para a regressão a barbárie) que os impulsionaram a cometer determinados atos mediante uma educação crítica e auto-reflexiva que possa impedir que se tornem novamente capazes de tamanha atrocidade.

Para dar continuidade à argumentação, o autor faz uma análise de determinados argumentos aplicados, mas não úteis para justificar o ocorrido na Alemanha. Por exemplo, o conceito de vínculo de compromisso utilizado por algumas pessoas como forma de impedir o retorno de Auschwitz. Adorno critica esse conceito para pensar a educação. “Facilmente os chamados compromissos convertem em passaporte moral e são assumidos com o objetivo de identificar-se como cidadão confiável ou então produzem rancores raivosos psicologicamente contrários a sua destinação original.” (ADORNO, 1995, p.124). Segundo ele, o vínculo de compromisso está ligado ao conceito de heteronomia, em que o sujeito se adapta ao que é estabelecido social e culturalmente sem nenhuma crítica. Para o autor, isso contraria a proposta de uma educação contra a barbárie, a qual está ligada ao conceito de autonomia, ou seja, o sujeito em conformidade com a razão consegue refletir e tomar suas próprias decisões.

Além disso, para pensar a favor de uma educação contrária a Auschwitz, Adorno analisa dois grupos distintos que se encontravam na Alemanha nazista. Havia aqueles que se identificavam cegamente com o coletivo e os responsáveis por manipular as massas. Os primeiros correspondem à massa da população que, mediante as ideias divulgadas pelo poder dominante, aderiram ao regime nazista. Para o autor, é fundamental, através do esclarecimento, contrapor-se ao poder cego de todo coletivo, o qual contribui para a brutalidade e violência.

O ponto de partida pode estar relacionado ao sofrimento que os coletivos causam aos que se filiaram a eles. Por exemplo, os hábitos populares, trotes ou ritos de iniciação que proporcionam dor física como preço de se sentir um membro. Isso tem a ver com o conceito de severidade, que traz a ideia de uma educação baseada na força e disciplina.

Essa ideia educacional da severidade em que irrefletidamente muitos podem até acreditar é totalmente equivocada (...). O elogiado objetivo de ser duro de tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia contra a dor em geral e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar ou reprimir. (ADORNO, 1995, p.128)

Já o responsável por manipular as massas seria o “caráter manipulador”, tipo comum em Auschwitz. Esses não são capazes de manter relações diretas com outras pessoas por uma ausência de emoção, possuem um realismo exagerado e nem por um segundo sequer imaginam o mundo diferente do que ele é. “Nas tentativas de atuar contrariamente a Auschwitz, pareceu-me fundamental produzir inicialmente certa clareza do modo de constituição do caráter manipulador para, em seguida, poder impedir da melhor maneira possível a sua formação [...]” (ADORNO, 1995, p.129). O seu estado de consciência não deve ser entendido como algo natural ou um dado imutável, mas, sim, como resultado de uma formação. Para tanto, um dos procedimentos para pensar a educação pode ser a reflexão em torno dos motivos que levaram essas pessoas a terem determinados comportamentos.

Diante disso, na perspectiva de Adorno, o caráter manipulador se caracteriza pela reificação da consciência, já que é formada a partir do caráter instrumental do conhecimento. O adjetivo instrumental possui dupla determinação, a saber, tanto do lado subjetivo como do lado objetivo na correlação do sujeito com o mundo. Pelo lado subjetivo, a tendência quantificadora reduz o sujeito cognoscente a um universal puramente lógico, e do lado objetivo, este mesmo conhecimento lógico transforma a natureza em um material disforme, cujo sentido é a adequação a princípios formais e abstratos.

A reificação da consciência impede tanto a capacidade de pensar o sujeito o qual é reduzido a um “eu lógico” quanto o objeto que é visto como uma matéria disforme. Essa relação não leva em consideração os aspectos qualitativos e distintos do sujeito como do objeto, eles tornam-se um sempre igual. A consciência coisificada se defende de qualquer vir-a-ser e é orientada a seguir um determinado modo.

No que diz respeito à reificação da consciência, essa está relacionada com a técnica. Segundo Adorno (1995), essa relação segue duas direções: a) no mundo em que a técnica ocupa um lugar tão decisivo, gera pessoas que são afinadas com a técnica; b) na relação atual

com a técnica existe algo de exagerado, sendo denominado de fetichização técnica. “Os meios e a técnica são um conceito de meios dirigidos para a autoconservação da espécie humana e são fetichizados, porque o fim de uma vida humana digna encontra-se encoberto e desconectado da consciência das pessoas” (ADORNO, 1995, p.132).

O fetiche com a técnica considera a técnica como algo que existe independente da interferência ou vontade humana, proporcionando conforto material diante das carências que são produzidas socialmente. Esse fetiche acaba sobrevalorizando a técnica e encobre as contradições sociais. A técnica em consonância com os procedimentos da Indústria Cultural manipula as pessoas em direção aos interesses do mercado. Sendo assim, os desejos e anseios próprios dos indivíduos são direcionados à compra de bens materiais.

Além disso, a relação da reificação da consciência com a técnica é responsável por gerar pessoas incapazes de amar, já que estas não mantêm relações diretas com outras pessoas. Para Adorno (1995, p.133), “Elas são inteiramente frias e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale”. A capacidade de amar que de alguma maneira sobrevive precisa aplicar-se nos meios. Esta, que deveria ser estabelecida entre as pessoas na sociedade, é transferida para os bens produzidos e, diante disso, essas pessoas se tornam indiferentes e frias umas em relação às outras. A conscientização e reificação da consciência é fundamental, pois permite que as pessoas não se direcionem somente para seu próprio interesse, mas que suas preocupações estejam relacionadas às questões sociais, culturais e políticas, fato que fundamenta a *Educação contra a Barbárie*.

3.2 Educação contra a Barbárie

Na obra *Educação contra a Barbárie*, Adorno propõe uma educação contra as forças produtoras e reprodutoras da barbárie. Segundo ele, o desenvolvimento técnico mediado pela razão instrumental possibilita o progresso tecnológico ao mesmo tempo em que possibilita a regressão à barbárie.

A mão que afaga é a mesma que fere. Talvez esse provérbio possa ilustrar as consequências produzidas pela objetivação da nossa racionalidade – espelhada na técnica – que encontra apogeu na sociedade capitalista contemporânea. É de estarrecer a constatação de que atualmente temos as condições objetivas de simplesmente eliminar a fome da face da terra e, ao invés disso, o que observamos é justamente a reprodução da miséria e da barbárie. Possuímos o aparato técnico que nos capacita a atingir a tão sonhada e prometida liberdade, porém nos acostumamos com a tão perene reprodução das necessidades. (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 2012,p.51)

A partir disso, pode-se afirmar que o progresso material não coincide com o progresso da humanidade, já que temos equipamentos cada vez mais sofisticados, no entanto, existe uma grande parcela da população que vive em condições precárias de existência. Esta contradição presente na sociedade contemporânea é encoberta pela indústria cultural, que condiciona o indivíduo a uma determinada forma de viver e pensar e age conforme um sistema industrial organizado que padroniza e transforma a cultura em mercadoria, adaptando os produtos ao consumo para a massa. O controle exercido formula normas e formas de comportamento e leva o indivíduo a satisfazer as supostas necessidades através da compra dos bens produzidos.

A Indústria Cultural atua como mecanismo ideológico que contribui para a regressão da barbárie, já que o processo imposto manipula as pessoas direcionando-as conforme o interesse do mercado, mascarando as contradições sociais, as relações de dominação e exploração, consolidado por um sofisticado aparato comunicativo e visual.

Contudo, torna-se também evidente que esse procedimento encontra seu ápice quando a ciência definitivamente se transforma na principal mercadoria da sociedade capitalista contemporânea [...]. É de conhecimento geral que grandes invenções tecnológicas foram engendradas devido aos interesses militares de dominação e de controle de informações. (ZUIN, 1999, p.52)

A ciência se rende aos interesses do capital e do poder dominante. Auschwitz pode ser utilizada como exemplo para ilustrar essa afirmação já que o aparato técnico na Alemanha nazista serviu tanto para a divulgação do partido como para a morte em massa de milhares de judeus. A aparelhagem técnica utilizada pelo partido nazista serviu para controle, dominação e extermínio. Além do avanço tecnológico ser um mecanismo que contribui para o retorno da barbárie, segundo Adorno (1995) este princípio é inerente à própria civilização. Ele recupera a análise psicanalítica de Freud quando admite a existência de um princípio anti civilizatório em que, por intermédio da cultura, o indivíduo experimenta decepções, fracassos e estes sentimentos se transformam em agressão, que é direcionada para a própria cultura. A conscientização deste princípio anti-civilizatório é importante para pensarmos a educação.

Sendo assim, Adorno direciona sua argumentação a favor de uma educação contrária a barbárie. No entanto, é ingênuo pensar a desbarbarização como um elogio à moderação ou às afeições fortes. A educação está relacionada à ação politicamente refletida do sujeito na sociedade. Isto tem a ver com a formação de um sujeito emancipado que, através do uso de sua própria razão, consegue tomar as suas próprias decisões.

Para esclarecer, o autor faz uma distinção entre os modos de agir politicamente refletidos e as ações irrefletidas que trazem traços de barbárie: na primeira, são situações em que os homens reunidos e conscientes utilizam-se da violência para alcançar uma condição

melhor para a sua comunidade. A barbárie é sempre um ato de violência, mas nem todo ato de violência é barbárie. Por exemplo, uma manifestação contrária às imposições do governo não seria para Adorno um ato de barbárie; na segunda é fundamental definir a barbárie como qualquer ato de violência primitiva em que não esteja incluída uma reflexão com objetivos racionais em prol da humanidade, por exemplo, brigas por motivos quaisquer ou ofensas indevidas.

No entanto, para Adorno (1995), em circunstâncias em que a violência conduz, inclusive, a situações bem constrangedoras, em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode nem mais ou menos ser considerada barbárie. Diante disso, no texto *Educação contra a Barbárie* (ADORNO, 1995, p.160) Hellmuth Becker levanta questões: a disposição do uso de armas nucleares em algum lugar da Terra tendo por base considerações estritamente racionais pode ser considerada como barbárie? As reflexões racionais constituem provas suficientes contra a barbárie?

Para Adorno, uma educação contrária à barbárie está direcionada a reflexões racionais com objetivos transparentes em benefício da humanidade. Com isso, o uso de armas nucleares não é em benefício, mas contribui para a morte milhares de pessoas inocentes. Portanto, para pensar a educação, como educar jovens para que efetivamente apliquem essas reflexões a objetivos humanos? O autor salienta manifestações cotidianas de barbárie que devem ser levadas em consideração para poder pensar a educação. A primeira é a utilização do princípio de competição, sendo este um método bastante utilizado como forma de incentivar a disputa entre os indivíduos.

A competição entre os indivíduos e entre os grupos, conscientemente promovida por muitos professores e em muitas escolas, é considerada no mundo inteiro e em sistema políticos bem diversos como um princípio pedagógico particularmente saudável. (ADORNO, 1995, p.161)

O princípio de competição é contrário a desbarbarização, já que serve à própria lógica do sistema capitalista. O indivíduo observa o outro como adversário e busca ser o melhor em todas as atividades. A competição privilegia a eficiência e agilidade. Isso pode ser pensado nas práticas esportivas. No esporte, muitas modalidades, pela exacerbação da competitividade, podem gerar agressões, crueldade, fanatismo tanto dos participantes como dos torcedores. As práticas esportivas, ao valorizar o princípio de competição, vão à contramão da educação contrária à barbárie.

No entanto, quando o esporte assumir uma função lúdica e se distanciar do princípio da competição, ele pode ser uma ferramenta importante para a educação, que, incentiva a

gentileza e o respeito. Sendo assim, a educação deve promover a conscientização e a crítica aos mecanismos que impulsionam a barbárie, por exemplo, a Indústria Cultural, o princípio anticivilizatório, a ênfase no princípio de competição, todos presentes na civilização e que contribuem para a regressão a barbárie Estes se tornam pontos fundamentais para pensar em uma educação emancipatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de educação presente na obra *Educação e Emancipação* escrita por Theodor Adorno propõe um processo educativo para a emancipação do sujeito. Este, aliado a uma racionalidade crítica, busca compreender todos os aspectos da vida social.

Para pensar o conceito de Emancipação, Adorno, em *Educação Após Auschwitz*, aponta como primeira exigência da educação que Auschwitz não se repita. O autor elabora argumentos nos quais propõe uma formação que possa evitar os horrores cometidos na Alemanha nazista. A educação é contrária a toda forma de barbárie existente, visto que a barbárie não está relacionada a qualquer ato de violência, mas a toda ação irrefletida do sujeito. Segundo Adorno (1995), Auschwitz foi à regressão, mas a barbárie continuará existindo enquanto persistirem as condições que a geraram.

No artigo *Educação contra a Barbárie*, Adorno enfatiza que o desenvolvimento técnico aliado a uma razão instrumental possibilita o desenvolvimento das tecnologias que contribuem para a disseminação da ideologia capitalista. Esse retrato social possibilita a regressão à barbárie. Um dos motivos está ligado ao poder dos meios de divulgação em massa de alienar e manipular o sujeito afetando diretamente sua capacidade crítica

Nesse sentido, tanto no artigo *Educação após Auschwitz* como *Educação contra a Barbárie* está presente uma elaboração teórica ancorada em outra forma de racionalidade, em que privilegia a dimensão crítica e a autonomia do sujeito. Estes elementos são importantes para a reflexão do conceito de Emancipação.

Em outras palavras, a prática educacional deve equipar o indivíduo para orientar-se no mundo e visar ao esclarecimento da consciência do homem em um procedimento dialético que deve ser iniciado nos seus primeiros anos de vida. Assim, a finalidade da educação deve ser a emancipação das pessoas, articulada à imaginação e à experiência. (TEIXEIRA; HORN, 2013, p.981)

A importância da proposta educacional se faz presente no contexto escolar, já que é uma instituição presente na sociedade e não está isenta dos procedimentos e efeitos decorrentes das informações e divulgações expostas pela Indústria Cultural. Atualmente, jovens e adolescentes têm acesso rápido e fácil às informações, sendo este um dos fatores que tornaram as aulas expositivas desinteressantes e enfadonhas. O horizonte dos alunos ultrapassa claramente o limite físico da sua escola. Porém, o uso do celular na sala de aula é um ponto de discussão entre os educadores, já que os alunos envolvidos com as informações e mensagens disponibilizadas pelas redes ficam dispersos mediante a exposição dos conteúdos

disciplinares. Esses alunos assimilam uma série de informações sem um posicionamento crítico e teórico e, com isso, mantêm uma visão superficial dos dados levantados.

A partir disso, é importante deixar claro que a proposta da educação como um processo de emancipação não é ignorar os aparelhos tecnológicos, já que a sociedade é marcada pelas tecnologias digitais que fazem parte do cotidiano do aluno. Sendo importante pensar em um projeto educacional que contribui no desenvolvimento da capacidade crítica, reflexiva e possibilita a compreensão e análise em torno da realidade e, conseqüentemente, das informações divulgadas,

(...)só se pode pensar uma educação que seja direcionada para a emancipação¹; nesse sentido, ela seria um processo de esclarecimento em busca permanente de superação da ideologia, desenvolvendo a capacidade de as pessoas realizarem experiências, as quais são pressupostos para elas se tornarem autônomas, além de mostrar aos alunos as falsidades presentes na sociedade que é culturalmente construída e despertar a consciência de cada pessoa de que somos enganados, iludidos constantemente pela indústria cultural, pelos meios de comunicação. Vislumbram-se, dessa forma, mecanismos de resistência à barbarização presentes na sociedade (...). (TEIXEIRA ; HORN, 2013, p.982)

Diante disso, podemos nos questionar em que medida a proposta de emancipação pode ser fazer presente no contexto escolar. Teixeira e Horn (2013, p.985) afirmam que;

Esta é uma opção política da escola: apresentar uma educação dirigida a fomentar o desenvolvimento deliberado da capacidade de superar o conformismo e a indiferença, de experimentar, de agir por conta própria. A partir desse pressuposto, faz-se necessária uma discussão mais aguda a respeito do currículo escolar, considerando uma política curricular assentada na construção de saberes que combinem a formação humana, pautada no princípio da inclusão e da análise crítica dos fatos sociais, a autonomia do pensamento, a argumentação filosófica e a reflexão sociológica das diferenças ímpares que compõem a escola e a sociedade em que ela está inserida.

O ambiente escolar é bastante complexo, com base nisso, para elaborar um projeto educacional que promova a emancipação deve-se levantar algumas considerações como conteúdo, relação professor-aluno e a estrutura e organização escolar. Todos esses aspectos intrínsecos a realidade escolar devem ser levados em conta. A direção tomada por Teixeira e Horn (2013) em torno da organização curricular é bastante pertinente, já que a ênfase em torno de saberes que possam promover a formação humana pode ser um ponto de partida para a educação como forma emancipação. Este pode ser um entre outros caminhos que podemos nos orientar para pensarmos em um projeto educacional no qual dá importância à autonomia, reflexão e formação crítica do sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. O conceito de Esclarecimento. In: **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**, tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. A indústria cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. In: **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**, tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz In: **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Educação contra a Barbárie. In: **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Educação para quê? In: **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BARBOSA, Renata Peres. Ensaio sobre a Dialética do Esclarecimento: reflexões, provocações educativas. Disponível em: <educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24748_13048.pdf> Acesso em: 12 jul. 2019.

BATISTA, Sueli. Teoria Crítica e teorias educacionais: Uma análise do discurso sobre educação. In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, n° 73, p.182-205. Dezembro/00 Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4213.pdf> Acesso em: 12 jul. 2019.

DUARTE, Rodrigo. A formulação da teoria crítica da indústria cultural na Dialética do esclarecimento. In: **Teoria crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KOOP, Stefane Katrini. A indústria cultural e o conceito de alienação. **POLÉMOS**, v.7, n°14, 2010

MARR, Wolfgang. Adorno, Semiformação e Educação. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a08v2483>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MOGENDORFF, Janine Regina. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**, vol. XXVI n. 63, setembro-dezembro 2012. Disponível em: <revistas. Unisinos. br/index.php/versoereverso/article/download/ver.2012.26.../1178> Acesso em: 12 jul. 2019.

MEDRANO, Eliziara; VALENTIM, Lucy. A indústria Cultural Invade a Escola Brasileira. In: **Cadernos Cedex**, ano XXI, n° 54, p.69-75, agosto/2001. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v21n54/5270.pdf> Acesso em: 12 jul. 2019.

ORTIZ, Renato. A Escola de Frankfurt e a Questão da Cultura. **Revista Sociologia em Rede**, vol. 6 num. 6, 2016. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/468> Acesso em: 12 jul. 2019.

TEIXEIRA, Luciana da Silva; HORN Geraldo Balduino. Educação escolar: leitura e análise a partir da perspectiva adorniana. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 40, p. 977-997, set./dez. 2013.

Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2974>> Acesso em: 12 jul. 2019.

WIGGERSHAUS, R. Introdução. In: **A Escola de Frankfurt. História, desenvolvimento teórico, significação política**. Rio de Janeiro, Difel, 2002. Disponível em: <<https://kamargo.com.br/wp-content/.../Rolf-Wiggershaus-A-Escola-de-Frankfurt-2.pdf>> Acesso em: 12 jul. 2019.

ZUIN, Álvaro. Indústria Cultural e Educação o novo Canto da Sereia. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

ZUIN, Álvaro. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 54, agosto/2001. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622001000200002&script=sci...tlnq> Acesso em: 12 jul. 2019.

ZUIN, Álvaro; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton. As categorias crítico-expressivas do pensamento de Adorno: Esclarecimento, dialética e estética in **Adorno: O poder educativo do pensamento crítico**. 5ªed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2012.